

A hora de José Serra

para a presidência

O recrudescimento da dengue no Estado do Rio foi a única coisa que saiu errada na arrancada da candidatura de José Serra à presidência, na avaliação dos próprios estrategistas da campanha. O assunto teve destaque igual ou maior ao lançamento da candidatura, nos jornais do Rio, criando uma situação embaraçosa para quem ganhou o posto de candidato por conta do progresso do país na área da saúde. Como encarar o inesperado revés é o dilema enfrentado pelo ministro, que entende já ter feito o que deveria: os recursos que enviou para o Rio de Janeiro, garante, eram suficientes para que o governo e a Prefeitura do Rio tivessem contido o avanço do mosquito *Aedes aegypti*, como ocorreu nos outros Estados que também enfrentam epidemias de dengue.

A idéia de partir para o contra-ataque e chamar à responsabilidade o prefeito Cesar Maia e o governador Anthony Garotinho é opção que Serra pretende evitar, por saber que é uma briga ruim, por envolver dois adversários afeitos à polêmica e loucos para transformar um problema desse tipo numa questão política de grande relevância, no momento em que começa a engrenar a campanha à Presidência da República, com o surgimento, finalmente, do concorrente do partido no poder. O caso é uma amostra das dificuldades que terá o candidato identificado com a situação, que será cobrado por tudo de ruim que acontecer no país daqui para a frente, especialmente em sua área de atuação.

Apesar desse deslize na largada da candidatura, na quinta-feira, a hora é do ministro José Serra, que certamente não perderá a oportunidade de faturar a superexposição que terá na mídia, nos próximos dias, no embalo do ato de quinta-feira passada, em que mostrou sua força. Dos seis tucanos que faziam parte da mesa, além do próprio ministro, quatro eram adversários notórios de sua candidatura até dias atrás: o presidente do PSDB, José Aníbal, o ministro das Comunicações, Pimenta da Veiga, o governador do Ceará, Tasso Jereissati, e Renata Covas, representante da família Covas. Na primeira fileira de poltronas do auditório estava o ministro da Educação, Paulo Renato, outro ex-
rival, além de Tasso, na disputa pela candidatura.

A turma de Serra festejou a presença de Tasso Jereissati no evento, mas não se ilude com a idéia de que ele vai arregaçar as mangas e batalhar pela sua eleição. O nome com quem contam para levantar a candidatura no Nordeste, ponto mais fraco, é o do governador de Pernambuco, o pemedebista Jarbas Vasconcelos, com quem Serra tem antiga relação de amizade e grande afinidade ideológica. A busca de apoios políticos, por sinal, é prioridade do candidato do PSDB, que se lançou à tarefa, na própria quinta-feira, visando, inicialmente, consolidar seu nome dentro de casa, entre o tucanato.

O lema "Nada contra a estabilidade, tudo contra a desigualdade" provocou reparos entre os próprios serristas, por causa da suposta dubiedade da primeira parte da frase, que passaria um apoio apenas parcial à estabilidade econômica. A crítica, entretanto, não encontrou amparo no candidato. "Qual é a ambigüidade?", contesta ele, questionando o destaque dado à frase pela imprensa em meio a várias outras mensagens fortes do pronunciamento. O motivo é que a frase foi apontada no discurso como o "lema" do seu futuro governo.

Segundo Serra, ele fez a menção à estabilidade justamente para tranquilizar os empresários. "A defesa da estabilidade aparece em outra três passagens do discurso", observa ele, dando sua tradução à frase classificada de lema: "Vamos lutar contra a desigualdade sem abalar a estabilidade." O lema mesmo da campanha, garante ele, não foi escolhido e a definição ainda vai demorar. O próprio Serra dá uma dica de como será o slogan da campanha: algo do tipo "Mais progresso e progresso para todos."